

SEMINÁRIO

A NOÇÃO DE TEMPO E O ENSINO DE HISTÓRIA

RAQUEL GLEZER
 Depto. De História – IEA/USP

En fait, l'historien ne sort jamais du temps de l'histoire: le temps colle a sa pensee comme la terre a la bSche du jârdinier".¹

Um dos aspectos interessantes na questão da formação de historiadores no Brasil é o da pouca atenção que vem sendo dada ao estudo das variáveis obrigatórias: Espaço e Tempo.

Deixamos a discussão do Espaço para geógrafos, e nem mesmo acompanhamos, a distância, os debates e as transformações que estão ocorrendo na área vizinha. Geo-história, história dos climas, geopolítica não atraem a aten9ao dos jovens historiadores nacionais.

Quanto ao Tempo, parece-nos haver uma atitude generalizada de considerar o tema arcaico, ultrapassado, envelhecido. Sentimos que alguns historiadores, quando lhes é colocada a questão, simbolicamente, puxam os revolveres e atiram: "tempo e cronologia"; "tempo e periodização"; "tempo e ideologia", ou mesmo, "tempo e periodização europocêntrica". Propor o tema e quase uma ousadia.

As discussões sobre velhos temas, velhas histórias, velhas preocupações, como questões epistemológicas, escolas historiográficas, métodos e técnicas estão hoje, aparentemente, fora do atual saber histórico. Relações vivenciais, emoções, parecem que se tomaram mais significativas para a prática do historiador.⁵

Raros textos conceituais retomam as questões clássicas.³

Entretanto, para todos que trabalham na difícil e problemática área da Epistemologia e Teoria da História, Tempo e História e ato de reflexão obrigatória.⁴

Tempo, para História, além de ser variável, e uma questão teórica fundamental.

O surgimento da História como campo de conhecimento, apreensão da realidade, com teorias, métodos e técnicas de trabalho, tomou-se possível com a laiciza9ao do pensamento filosófico, Quando História e Filosofia de História deixaram de ser uma unidade, o processo de conhecimento histórico pode definir seu objeto de estudo - a a9ao dos homens entre si e com a natureza.

Ao ocorrer a separação, História manteve o conceito Tempo, que se era, ate então, sagrado e escatológico, passou a ser laico, mas manteve a finalidade, qualquer que fosse o nome dado a ela Juízo Final foi substituído por Liberdade, Razão, Estado, Progresso, Evolução, Revolução.

A noção do Tempo laicizado continuou sendo a do Tempo sagrado, cristão, com passado, presente e futuro. Ocorreu uma permuta de significação: Criação e Queda da Humanidade transformou-se em Passado; Oferta de Salvação, em Presente; Juízo Final em Futuro. O Tempo deixou de ser o meio de expressão da Providência Divina para ser o Tempo da vontade dos homens, direcionado por eles. Esse Tempo tomou-se um absoluto.

Para a História, o Tempo variável obrigatória, acabou sendo o fator básico, elemento de união explicação em si, fator de coordenação do passado dos homens, que, não mais estavam no caminho da Salvação, estavam imersos na estrada do Futuro (qualquer que fosse o nome dado a ele).

O Tempo permitiu a relação entre sociedades com formas diferentes de contagem, a comparação entre elas, a articulação de elementos aparentemente desconexos. Ele tornou-se a explicação causal, primária elementar: fatos eram agregados por proximidade Cronológica. Com o progressivo desenvolvimento do conhecimento histórico, a questão temporal transformou-se em recurso técnico, classificatório.

A preocupação com a História Universal (História Católica) valorizou as periodizações: eras, épocas, impérios, idades. Questões proféticas, escatológicas foram tranquilamente assumidas pela histórica ciência, pois o estatuto científico do conhecimento garantia a neutralidade e a objetividade. A Cronologia, como estudo comparativo dos diferentes calendários, correspondentes a diversas civilizações e formas de contagem de tempo, desenvolveu-se, tornando-se um instrumento de pesquisa básico para articulação de contagens originalmente diferentes. A progressiva especialização do conhecimento histórico introduziu os marcos temporais, a partir do único definido como dominante: O nascimento de Cristo. Novos marcos foram paulatinamente sendo introduzidos, bem como recortes temporais, etapas, marcos simbólicos.

A percepção do Tempo como elemento articulador se transformou em pano de fundo. Não havia o que discutir, o que falar sobre o Tempo. Afinal, ele sempre esteve/esta/estará a disposição do historiador como elemento explicativo.

A introjeção do Tempo como fator explicativo em si mesmo pode ser acompanhada na leitura atenta dos manuais de introdução aos estudos históricos, que, do século passado a nossos dias, servem de apresentação do estado consensual do conhecimento histórico.

Do clássico Langlois & Seignobos, ficamos com o Tempo como categoria classificatória dos documentos e depois dos fatos.⁵

Bauer separou claramente em dois momentos diferentes o uso do Tempo na periodização e na Cronologia, uma ciência auxiliar.⁶

A questão do Tempo não é assunto tratado nos manuais, nem em livros de Teoria da História. É um dado apenas. Desde quando Braudel introduziu a questão das temporalidades, que é um recurso classificatório de fenômenos, pouco mais se avançou no debate.⁷

Em textos recentes discutem-se questões como formas de contagem de tempo e de como historiadores submetem o Tempo em seu processo explicativo⁸, ou como os conceitos explicativos relacionados a questão temporal se desenvolveram como calendário, passado/presente, idades míticas, antigo/moderno, escatologia e decadência.⁹

Podemos comprovar que, mesmo para historiadores preocupados com a questão teórica, Tempo é percebido como elemento articulador pelo uso indiferenciado do termo, como sinônimo de época, era, idade, momento, ideologia e História.¹⁰

A utilização camaleônica do termo Tempo indica que, de acordo com os próprios especialistas, o conceito não é claro. Como não estudamos a questão do Tempo, este segue sendo, como em senso comum, o articulador dos atos humanos, fator explicativo em si mesmo, inquestionável, pois é percebido sensível e empiricamente.

Falta aos especialistas a retomada da questão básica do tempo. Em alguns campos já se está recolocando a questão como fundamental, para a compreensão do próprio conhecimento científico, Não pode o ensino de História, nos cursos de graduação, ficar limitado a apresentar a questão do Tempo como restrita a dois grandes debates teórico-ideológicos, como a questão das periodizações europocêntricas ou etapistas¹², e, a questão da seleção dos marcos simbólicos sociais dos vencedores e dos vencidos.¹³

Ao fazer crítica a seleções ideológicas temporais, como a periodização e o marco temporal do vencedor, não se deve jogar fora a questão do Tempo.

Mesmo os críticos mais acirrados das periodizações não abandonam o Tempo-tripartite." Afinal, para todos nos, e claro que o -abandono do Tempo leva a História a extinção. Na sociedade contemporânea, encharcada de informações e dados aleatórios, a consciência histórica não pode deixar de ser um elemento articulador.

O descaso com a questão Tempo deixa a sociedade diante de uma perplexidade: diversos Tempos/diversas Histórias levarão a incompreensão e a certeza de que o Tempo e o solucionador das questões que o homem se colocou em seu caminhar, e, ele, o Tempo, e um deus "ex-machina" que resolverá os problemas que os homens não puderem resolver.

A sacralização do passado, que tanto os historiadores combateram, retornará pela sacralização do Tempo.

NOTAS

- 1- BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1969. p. 75.;
- 2- Vide VIEIRA, M. do Pilar et alii. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.
- 3- Vide CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988 e Z Aidan Filho; Michel. *A crise da razão histórica*. Campinas: Papyrus, 1989.
- 4- Escolhi para discutir neste texto a questão do Tempo no ensino dos cursos de graduação em História, tanto por estar no campo nos últimos anos, como pelo fato de que, apesar das dificuldades conceituais, Ernesta Zarnboni e Circe Maira Fernandes Bittencourt tem, nos últimos anos, dedicado alguns artigos a questão do ensino de 1^o e 2^o graus.
- 5- LANGLOIS, Ch. V. e SEIGNOBOS, Ch. *Introdução aos estudos históricos*, São Paulo: Renascença, 1946. p. 74 - 172 (1^a ed. 1898:)
- 6- BAUER, Wilhelm. *Introduction al estudio de la história*. Barcelona: Bosch, 1970. (Ped.1921.)
- 7- BRAUDEL, Fernand. *A longa duração*. In: - *História e Ciências Sociais*, Lisboa: Presença, 1972. (1^a ed. 1958.)
- 8- CORDOLIANI, A. *Comput, chronologie, calendries*, e BEAUJOUAN, G. *Les temps historiques*. In: SAMARAN, Ch. (org). *L'histoire et ses mithodes*. Bruges: Gallimard, 1961.p 31-51 e 51-67.
- 9- LE GOFF, J. (org). *Memória - História*. Enciclopédia Einaudi. V. 1, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. P. 260, 293, 311, 370, 393 e 425.
- 10-Ver, entre outros, VILAR, Pierre. *O tempo do Quijote*; BAGU, S. *Tiempo, realidad social y conocimiento*; ARIFI, Ph. *O tempo da história*; e ainda, Le Goff, Duby, Foucault, Thompson, Taylor, etc.
- 11-Vide POMIAN, K. *L'ordre du temps*. Paris, Gallimard,, 1984, e *Current. Sociology*, 37 (3), winter 1989-The sociology of Time, org. de Gilles Pronovost.
- 12-Vide CHESNEAUX, J. *Iacemos tabla rasa del pasado?* Madrid: Siglo Veintiuno, 1984. (1^o ed.

- 1976), e FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo, IBRASA, 1983. (1ª ed. 1981), e FERRO, Marc. *A história vigiada* São Paulo: Martins Fontes, 1989.
13. Vide VEZENTINI, C. & DE DECCA, E. A Revolução do vencedor. *Contraponto*. Rio de Janeiro: 1976 e DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Ver também BENJÁMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, 1987, 1989.
- 14- CHESNEAUX, Jean. L'axe passé/présent/avenir. *Espaces Temps*. Paris, n. 29, 1985, p. 13, onde diz: "L'histoire c'est, d'une part, un ensemble de techniques: tout le monde ne peut pas improviser spécialiste de la connaissance historique... d'autre part, représente la continuité interne de la dimension du temps, l'articulation d'une période à une autre."